



AOS 70

Sete da matina. O relógio interrompe seu tique-taque para disparar o incessante alarme. Estrala uma viga no teto, e os olhos se abrem. 27 de maio. Feixes de luz invadiam o quarto e marcavam a poeira acumulada no quarto mal varrido. Nem a luz lhe poupava de começar o dia. É seu aniversário. Com relutância, joga suas pernas para fora da cama e se veste.

Encara-se no espelho e alisa os ralos fios de cabelo eriçados. Como estão brancos... 70. Não são todos que aguentam levar o fardo sozinho: Câncer levara a mulher há 15 anos e o filho mais velho há 4. A árdua tarefa de seguir desgasta e, olhando seu reflexo, queixa-se de suas muitas rugas e de seus joelhos fracos.

Religiosamente, pega a erva e cuia e sai para o terraço como todas as manhãs. Durante anos, vem se sentindo inválido, e o apego ao chimarrão e ao som dos carros da Av. João Teles se torna inevitável. Homem instruído, Dr. José envelhece juntamente com Porto Alegre.

Envelhece mais um ano. 70 anos é mesmo de se comemorar. Mas comemorar o quê? E, pior, com quem? Como o tempo é capaz de preencher até certa idade e depois se deixar esvaziar a alma? O que lhe restava era Nietzsche, Platão, seus companheiros. E ali ele fica descansando, enquanto os ponteiros se movem.

O telefone toca. Este, que passou tanto tempo mudo, dispara novamente. É o caçula, o único que lhe restou, avisando, diretamente da Cidade Maravilhosa, que João finalmente é avô. Seria isto planejado? Incrível como a notícia da vinda da pequena neta encheu José de vigor. Mais um herdeiro.

Os minutos de alma pequena e fraca se cessavam, e a lembrança do seu maior presente lhe vinha à mente a todo instante; presente, este, que veio em hora certa. Seu presente de 70 anos.